

MULHER NEGRA: DA INSERÇÃO NA HISTÓRIA A INSERÇÃO NA PROPAGANDA¹

Meliza da Silva CUSTÓDIO²

RESUMO

Este artigo pretende descrever a história do negro no Brasil, assim como as especificidades em relação à mulher negra. Abordaremos a importância da imagem fotográfica e como foi sua inserção nas revistas. Descreveremos os resultados encontrados durante essa pesquisa que visava analisar a imagem da mulher negra nas revistas femininas Cláudia e Nova nas décadas de 80 e 90.

Palavras -chaves: Mulher negra; revistas femininas; imagem.

Negro brasileiro: seu passado até seu presente

A inserção dos fatos históricos que aqui serão abordados se faz necessária para possibilitar a observação da dinâmica histórica do negro no Brasil. Essa será apenas uma breve abordagem acerca da história. Abordaremos alguns fatos históricos para possibilitar nossa discussão sobre a dinâmica da inserção histórica do negro Brasil. Uma história que começa com a chegada do primeiro navio negreiro que aqui aportou. Não foi possível precisar a data, que não encontra consenso nos vários autores, mas que se estabelece entre 1516 e 1526, tendo a escravidão negra no Brasil durado por mais de trezentos anos.

¹Trabalho realizado durante a iniciação científica ,bolsa FAPESP.Apresentado no II Congresso de pesquisadores negros, São Carlos-25 a 29 de agosto de 2002.

² Aluna da licenciatura no Curso de Ciências Sociais na UNESP, FFC-Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 2003 (e-mail: hunter@marilia.unesp.br), sob a orientação da Profª Drª Claude Lépine (e-mail: etain@uol.com.br), CEP17525-900, Marília ,São Paulo-Brasil

De acordo com a historiadora Mattoso (1982), quatro grandes ciclos trouxeram negros de diferentes partes da África. A primeira fase é a do ciclo da Guiné no século XVI, que traz negros uolofs, mandingas, sonrais, mosis, haussas e peuls. O segundo ciclo, que se inicia no século XVII, é o ciclo de escravos vindos do Congo e de Angola. Foi durante esse período que houve a chamada “fome de negros”, devido às grandes baixas nas guerras luso-holandesas em Pernambuco.

O terceiro ciclo é o da Costa do Marfim, que acontece durante o século XVIII, quando os traficantes voltam seu interesse para os negros sudaneses. O quarto ciclo começou no final do século XVIII e início do século XIX e durou após a proibição feita pela Inglaterra em 1830², da importação dos escravos. Durante esse período houve importações das mais diferentes localidades tendo predominância de negros vindos de Angola e Moçambique.

Cabe ressaltar que o início de um novo ciclo não marcaria necessariamente o fim de outro, mesmo porque os portugueses tinham a prática interna de misturar etnias para evitar a concentração dos negros de uma mesma procedência em uma determinada capitania. Capturaram e escravizaram de preferência homens, melhores que as mulheres para a realização de serviços pesados. Além disso, as mulheres podiam engravidar ficando mais lentas para o trabalho. Por esses motivos, o número de escravos eram sempre o triplo do número de escravas (MATTOSO, 1982).

Os escravos negros foram forçados a trabalhar na lavoura, na mineração, em trabalhos domésticos, etc.

Mas foi a cana-de-açúcar das regiões de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro que determinou a importação de escravos nos séculos XVI e XVII, enquanto que o ouro gerou um aumento da demanda no século XVIII [...]. Quando a exploração aurífera alcançou seu cume, 40% dos escravos importados eram destinados à agricultura [...], e cerca de 20% eram destinados às minas (MATTOSO, 1982)

Mesmo no auge da produção das minas, ainda assim, poucos são os escravos destinados à mineração. Porém, o ouro foi responsável pelo aumento da demanda de escravos no Brasil, mas esses últimos acabaram sendo utilizados nos trabalhos domésticos, isto é para o luxo e conforto da sociedade escravista.

Deve-se acrescentar que os efeitos devastadores da escravidão foram diferentes nos casos dos homens e no caso das mulheres. A demonstração de poder sobre a coisa (escravo)

² Devido a um acordo realizado com a Inglaterra o Brasil deveria criar uma lei que proibisse o tráfico; essa lei foi criada mas não foi institucionalizada, pois não interessava nem aos compradores nem aos vendedores de escravos (“lei para inglês ver”).

se dava de maneira diferente nas relações senhor-escravo, senhora-escravo, senhor-escrava, senhora-escrava. Segundo Giacomini (1982) as relações entre senhor-escravo e senhora-escrava se realizaram de modo a exercer o poder pela força, já nas relações entre senhor-escrava, esse poder geralmente era exercido através da sexualidade. As relações entre senhora-escrava eram baseadas na violência como forma de punição contra a escrava por “seduzir” o senhor, ou seja, eram baseadas na agressão por ciúmes ou simples maldade.

A escrava além do trabalho deveria ainda oferecer o corpo tanto como ama de leite ou como amante

pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher. evidentemente essa maneira de viver a chamada ‘condição feminina’ não se dá fora da condição de classe (...) e mesmo de cor. (GIACOMINI, 1982)

A escravidão para a mulher negra, como observamos, representou além dos sofrimentos comuns aos homens, outros que recaiam empregados somente sobre ela. Pois a “apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual de seu corpo que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão” (GIACOMINI, 1982).

Em 1850³, foi legalmente interrompido o tráfico negreiro; mas esse fato não marcava a liberdade para os cativos. Durante o período de 1850 a 1888 (ano da promulgação da abolição da escravatura brasileira) surgiu no Brasil uma nova forma de tráfico: o tráfico interno. Este surgiu da necessidade de escravos para as lavouras de café e do fim definitivo da exportação desse tipo de mão-de-obra. Esse tráfico era realizado entre o nordeste açucareiro e região aurífera (antigas regiões ricas e grandes proprietárias de escravos) para a região sudeste, produtora do ouro preto brasileiro: o café. Tal fenômeno é descrito em seguida pela historiadora como

um fenômeno que caracteriza os séculos XIX e antes do século XVII [...], a transferência de importantes contingentes de escravos. Chegavam freqüentemente das províncias do norte e do nordeste, que conhecem, sobretudo, a partir de 1850, profunda depressão econômica. Passam pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Entre 1852 e 1870 esse movimento alcança cinco a seis mil escravos por ano[...].Caberia acrescentar as transferências pelas estradas de ferro no interior do país cujo volume é totalmente desconhecido (MATTOSO, 1982).

³ Neste ano foi aprovada a lei Eusébio de Queiroz ,que proibiu definitivamente o tráfico negreiro brasileiro.

A partir de 13 de maio de 1888 o negro passa a conhecer uma nova forma de vida na sociedade brasileira. Escreve Florestan Fernandes: “aos escravos foi concedida à liberdade teórica sem qualquer garantia de segurança econômica ou de assistência compulsória” (1965). Esse fato transportou os negros das senzalas para os cortiços nas zonas urbanas.

Durante o período que marca o declínio de escravidão foram implantadas no Brasil políticas de incentivo à imigração européia. A adoção desta política é justificada pela necessidade crescente de mão-de-obra para substituir os escravos.

Mas vale lembrar que no final do século XIX e início do século XX, surgem algumas teorias raciais que tiveram uma grande aceitação por parte da classe média e alta de nossa sociedade, pois afirmavam a superioridade da raça branca. A imagem que os viajantes ou mesmo os pesquisadores tinham do país era que seu atraso devia-se ao fato de grande parte da população ser composta por negros. Apontavam como solução para que houvesse desenvolvimento a purificação da população que se tornaria branca ou mestiça. Pois, como afirma Sílvio Romero “somos mestiços na alma, isso é um fato e basta” (1888:63)⁴. Essas teorias influenciaram o governo fazendo com que fossem adotadas políticas de incentivo à imigração de europeus, branqueando a população.

Segundo essa mesma linha de pensamento, após a abolição raros foram os proprietários (de terra prósperos, fábricas e comércio) que contrataram funcionários negros para trabalharem em seus estabelecimentos; pois eles queriam demonstrar desenvolvimento, através da possibilidade de aquisição de empregados brancos que era tido como símbolo de prestígio. Em contrapartida, nas zonas rurais não prósperas do Estado de São Paulo, contratavam empregados negros, pois para esses empregadores “a mão-de-obra branca era um luxo que eles não poderiam manter” (ANDREWS, 1998).

Então se conclui que os negros neste período encontraram, na maioria das vezes, empregos mal remunerados nas zonas rurais decadentes do Estado de São Paulo. A competição por emprego entre imigrantes e negros foi desigual, pois, para os primeiros ficaram com os melhores empregos, salários e conseqüentemente as melhores condições de vida, tanto na zona rural quanto na urbana.

⁴ Citado por Moritz Schwarcz

Devido à escassez de oportunidades de trabalho para o homem negro, muitas vezes o sustento da família, que era tradicionalmente⁵ providenciado pelo homem, vinha do trabalho da mulher, pois “o serviço doméstico era a única área do mercado de trabalho braçal em que os brasileiros, tanto brancos como negros competiam mais efetivamente com os imigrantes” (ANDREWS, 1998). Não por acaso, esse tipo de trabalho possivelmente era o que mais lembrava a escravidão, tanto pela má remuneração, quanto pela precariedade dos horários e pelo controle da vida do empregado.

Pode-se observar em relato citado por Andrews (1988)

que o controle de seus padrões de sua vida (da empregada) era quase total: nunca pude acompanhar as notícias, assistir as festas e movimentos da cidade quando trabalhava. A gente ficava seis meses sem ver a cara da rua! Sempre tinha serviço e sábado e domingo era dia em que trabalhava mais [...] porque domingo a família toda se reunia .

O empregado doméstico tinha horário para começar, mas, não para terminar o trabalho, pois segundo seu patrão sua razão de vida era servi-lo.

A partir de 1930, precisamente durante a guerra, houve uma pequena mudança dentro das indústrias, onde dentre os funcionários contratados alguns passaram a ser negros. Foi então que “São Paulo conheceu uma fase de desenvolvimento sem paralelo na história [...] que estimulou o deslocamento de mão-de-obra nacional para São Paulo” (FERNANDES, 1965). Em razão desse aumento da necessidade de trabalhadores o emprego para homens e mulheres negros dentro das fábricas foi aumentando. Essas novas possibilidades foram aos poucos criando uma classe média negra. Tal classe média vai aparecendo e incomodando a classe média branca, pois, o negro estava desobedecendo a uma regra moral, saindo “do seu lugar”, começando a querer freqüentar espaços reservados à classe média branca. Durante esse período surgem iniciativas que procuravam inserir o negro na sociedade brasileira e lutar por seus direitos. Foram elas a Imprensa Negra, a Frente Negra brasileira e o Teatro Experimental do Negro.

A imprensa negra brasileira nasceu em meados da década de 1910 e tinha por objetivo valorizar a população negra, esforçando-se para melhorar a sua auto-estima e a auto-imagem, visando dar ao negro orgulho e confiança em si, eliminando o complexo de inferioridade. Como essa imprensa não tinha apoio nem patrocínio de nenhuma indústria ou

⁵ Na sociedade patriarcal, nuclear, branca brasileira cabe ao homem o sustento e manutenção da família.

comércio, esses jornais geralmente eram impressos com recursos dos próprios jornalistas, sobrevivendo em sua grande maioria até o terceiro exemplar. Tem-se notícia que a imprensa negra sobreviveu até por volta dos anos 60.

A Frente Negra brasileira foi um movimento que nasceu em 1931 e partiu

das massas; protestava contra a discriminação racial que começava a ser mascarada no Brasil. Lutava contra a segregação nos cinemas teatros, barbearias, restaurantes, enfim, todo o elenco de espaços brasileiros em que o negro não entrava, constituía o alvo prioritário da Frente. (NASCIMENTO, 1978).

Tinha pretensões de se tornar um partido político e eleger governantes que defendessem as causas da população negra brasileira. Mas em 1937, com o golpe de Estado, a Frente Negra foi fechada, pois entraram na ilegalidade todos os movimentos políticos.

O Teatro Experimental do negro surgiu em 1944 e durou até por volta de 1970. Tinha por objetivo formar atores, diretores e dramaturgos para dar voz às necessidades da população negra e tinha também uma atuação política, buscando melhorias para a classe negra brasileira.

Durante o período da ditadura de 1964, houve uma diminuição das movimentações políticas e censura nas atividades culturais, tais como filmes, jornais e revistas etc. Mas isso não impediu que o movimento black-power⁶, que iniciou nos EUA, a partir de 1960, chegasse aqui no Brasil. Esse movimento se manifestou sobretudo na moda de roupas e cabelos e culminou com a formação do MNU (Movimento Negro Unificado) em 1978. A princípio eram frentes de luta que se transformaram depois numa entidade nacional. A partir de 1980 foram nascendo novos grupos e Ongs que visavam a luta pela consciência negra e contra a discriminação racial.

Toda essa movimentação fez com que fosse aprovada a inserção na Constituição Brasileira do racismo como crime inafiançável, ou seja, toda forma de discriminação e segregação racial é crime. Mas tal mudança ainda não foi integrada ao cotidiano brasileiro, pois o racismo não deixou de existir.

⁶Em 1967 foi lançado nos EUA uma ideologia denominada de Black-Power (poder do negro), que buscava a valorização do negro e de sua força devendo por isso participar do processo de construção e a intervenção na sociedade.

Fotografia e revistas: breve história

Iniciando esse item que vai abordar o desenvolvimento da imagem e da fotografia nas revistas como linguagem, citaremos uma frase de Marx e Engels

A linguagem é tão antiga quanto a consciência; a linguagem é a consciência prática, real, que existe igualmente para os outros homens e apenas assim existe para mim também; a linguagem como consciência, somente existe da necessidade de interação com os outros homens. (MARX & ENGELS, 1979).

Tendo a linguagem surgida a partir da necessidade dos indivíduos se comunicarem, o mesmo vale para a imagem, pois esta surge a partir do mesmo princípio : a necessidade de representar sua vida.

Os primeiros achados de registros humanos contendo imagens datam da pré-história. O tempo foi passando e os artistas foram criando a necessidade de uma representação através de imagens mais próximas do real. Dessa necessidade resultaram: esculturas, gravuras e pinturas (em telas, paredes, vasos), enfim todas as formas que pudessem representar a realidade existente. “No renascimento e mesmo depois dele, evocaram a história, e a representação da realidade, função que deveria ser assumida pela fotografia no século XIX” (CAMARGO, 1997).

A fotografia foi criada ao longo de um processo que se iniciou em 1826 na França quando os irmãos Nicephore e Claude Niépce conseguiram gravar em uma chapa de metal preparada com betume da Judéia a primeira imagem através da luz e deram o nome de heliografia. Esse processo culminou por volta de 1889 com a criação, pela Eastaman CO, posteriormente fabricante da Kodak, o filme no formato de rolo. Uma das primeiras utilidades da fotografia era registrar a família e eventos sociais tais como casamentos, batizados, etc, sendo posteriormente integrante de cartões de visitas. Aos poucos ela foi ganhando espaço, fazendo parte de revistas e jornais onde sua função ilustrativa mais importante do que aquela de registro ou de documento.

Nesse sentido a observação de March Bloch é decisiva: “o passado é por definição um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é um processo que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”. Partindo dessa afirmação

compreendemos que a análise das imagens é necessária por constituir um caminho a mais para o conhecimento do passado.

Na segunda metade do século XIX começaram a circular as revistas ilustradas. No Brasil esse fenômeno chegou somente a partir de 1900. Essas revistas eram destinadas a um público de classe média e acabou tornando-se um meio de comunicação potente para a criação e a difusão de costumes e hábitos morais que deveriam reger essa classe. Pois “através de uma composição editorial adaptada ao seu próprio tempo e às tendências internacionais, criaram modas, impunham comportamentos assumindo a estética burguesa como forma fiel do mundo que representavam” (ESSUS, 1994).

Cabe ressaltar que neste ponto a fotografia tem e teve um papel importante pois, além das palavras que definiam os comportamentos e a moral utilizadas no texto das revistas a fotografia serviu como exemplo visual, demonstrando através de imagens quais seriam os comportamentos adequados. Pois como afirma Boris Kossoy (1989).

a representação fotográfica reflete e documenta em seu conteúdo não apenas uma estética inerente a sua expressão mas também uma estética de vida ideologicamente preponderante num particular contexto social e geográfico, num momento preciso da história. Estética e ideologia são componentes fluidos, indivisíveis, implícitos na representação fotográfica.

A fotografia exerceu a função de método de comunicação e expressão nas revistas; através delas era possível determinar os papéis da mulher e do homem, que ficavam perceptíveis, pois a imagem da mulher estava sempre ligada a frivolidades tais como: vida dos artistas e pessoas famosas, moda, isto é, definindo o modelo ideal de mulher: espectadora e assistente do homem. Ao homem determinavam a ação, a inteligência e o poder. A fotografia relacionava os papéis masculinos ao esporte e a ação. “As representações sociais de comportamento engendradas pela imagem fotográfica das revistas ilustradas criaram um mundo onde os espaços são redimensionados para atividades as quais não foram programados” (ESSUS, 1994).

Através do redimensionamento dos espaços e da elaboração dos modelos ideais, a população de classe média foi aos poucos adicionando esses modelos ao seu comportamento diário. Deste modo, coube à mulher das classes populares (compostas em sua maioria de mulheres negras),

ser fotografada trabalhando em serviços braçais tais como lavar e passar roupa, cozinhando, etc, em situações de dificuldade e precariedade. Nesse sentido o

espaço feminino para as classes populares é um espaço periférico, que acaba por confundir-se ao coletivo, não recebendo com isso a mesma valorização das mulheres da classe dominante que sugeriam uma imagem sempre com boa aparência, em lugares exclusivos e protagonizando situações de lazer e de romance (ESSUS, 1994).

Tais aspectos foram encontrados nas revistas que circulavam durante a primeira metade do século XX. É curioso que essa situação não se alterou muito até o presente momento. A mulher negra começou a ser fotografada também como modelo possível da classe média com roupas de grifes, maquiagem e assumindo posturas dessas classes, tais como: como dividir a sua vida entre as tarefas domésticas, o emprego, o marido ou namorado; moldar o corpo para atrair os desejos do homem; liberar a sua sexualidade e em função dessa liberdade agradar ao homem.

O caso das modernas revistas femininas

A avaliação do espaço reservado à mulher negra nas revistas *Cláudia* e *Nova*, cujo público alvo é a mulher de classe média e, aparentemente, sem distinção de cor, pode ser sugestivo.

Foram escolhidas essas revistas por serem publicadas há mais de vinte anos, período este que foi determinado para essa análise por poder revelar mudanças importantes na Constituição e possivelmente na sociedade e em relação ao negro no Brasil. A revista *Cláudia* destina-se à mulher de classe média, casada, que trabalha ou não fora de casa e aborda temas ligados a casa, família, etc. A revista *Nova* é dirigida à mulher que se preocupa com a sua carreira, também pertencente à classe média. Não aborda temas relacionados à vida doméstica.

Ao iniciar a análise das revistas fez-se necessário definir a metodologia para a coleta e catalogação de dados, em particular critérios para decidir quais seriam as modelos consideradas negras.

Quando somos forçados a definir o que é ser negro e quem são os negros brasileiros, nos vemos diante de um grande dilema: pois no cotidiano essas definições estão postas tanto pelos porteiros de prédios como pela polícia, mas quando a discussão se dá no meio acadêmico, esse assunto causa grande polêmica.

Como a pesquisa trabalha com as imagens vinculadas na mídia (revistas), optamos por considerar negra toda mulher que apresentasse traços específicos desta etnia, tais como: cor escura da pele (que vai da preta à parda); cabelos que variam do crespo até o encaracolado, lábios grossos etc. Essas definições se fizeram necessárias, pois não dispúnhamos nem do registro de nascimento nem da autodenominação⁷ das modelos fotografadas. Por mulher branca deve-se compreender toda aquela que tem pele clara, traços finos, nariz afilado, etc. Nessa análise determinou-se que as orientais também seriam consideradas brancas para facilitar nossa classificação e porque nosso objetivo de estudo são as mulheres negras.

Outra questão que se colocou foi como seria registrado o número de mulheres negras fotografadas e expostas nas revistas. Durante a década de 80 quase não houve imagem de mulheres negras; então nos exemplares onde essas se faziam presentes, elas foram contadas e comparadas para que posteriormente pudessem ser montadas tabelas com os dados e porcentagens encontradas durante a pesquisa. Mas quando não apareciam tais modelos, essa contagem não foi realizada. Na década de 90 foram contadas todas as edições, pois houve um aumento da participação da mulher negra nessas revistas. Optou-se por contar todas as imagens em que foi possível determinar o sexo e a raça da modelo fotografada, de acordo com a qualidade e a definição da imagem fotográfica e impressa. Foram pesquisadas quinhentas e quatro revistas entre Cláudia e Nova.

Considerações finais

Realizamos uma breve contagem e catalogação dos dados, que ficaram assim demonstrados: no período que vai de 1980 a 1985 na revista Cláudia a porcentagem de mulheres negras encontradas foi de 0,005%⁸, ou seja, a média de quatro modelos por ano, sendo que a cada ano foram publicadas doze edições. No período seguinte, 1986 a 1990, houve um pequeno aumento nesse número que se elevou para 0,0075%. Nas revistas Nova, nestes períodos, os dados se aproximaram ficando no período de 1980-85 em 0,004%, e de 1986-90 em 0,006%.

⁷ Forma utilizada pelo IBGE onde são considerados negros aqueles que afirmam como tal.

⁸ Esse índice é levantado considerando a população total de 100%.

Nesse período foi possível encontrar algumas propagandas contendo imagens de mulheres negras devendo-se destacar a marca Benetton que foi a pioneira nesse tipo de propaganda. Outro fato que deve ser lembrado é que nesse período intensificaram-se as lutas dos movimentos negros e ONGs assim como o número dos trabalhos que propunham a luta pelos direitos dos negros e contra a discriminação racial. Na Constituição Brasileira, a discriminação racial se transformou em 1988, quando se completaram 100 anos de Abolição, em crime inafiançável e imprescritível (artigo 5º, inciso XLII).

Nas revistas tal mudança é sentida através do aumento de fotos e propagandas contendo mulheres negras. Nesta época houve na revista *Cláudia* uma mudança de Diretoria editorial; esse fato pode ser entendido como refletindo mudanças dentro das revistas ou seja, propagandas, materiais e editoração (aqui entendida como mudança no conteúdo das revistas).

No período que vai de 1991 a 1995 é possível notar que houve em quase todas as edições a permanência de pelo menos uma foto contendo uma modelo negra, seja ela na propaganda ou em matérias. Internacionalmente as modelos negras estão se fortalecendo nos grandes desfiles internacionais (Nova York, Milão, Paris), tendo o índice ficado em torno de 0,009% na *Cláudia*. Para a revista *Nova* que neste período está mais fechada ao aparecimento dessas modelos o índice é de 0,0075%.

A partir do período que vai de 1996 a 2000 as mudanças operadas dentro desse meio de comunicação, são grandes, pois, nesse período, as modelos negras começaram a ser fotografadas em matérias inteiras, que informavam sobre a moda para as estações seguintes. Também nesse período, o mercado de cosméticos começou a considerar a existência do mercado consumidor composto por mulheres negras, lançando a partir de 1996, xampus, condicionadores, pó facial, batom, sombra para elas. Em 2000, a marca Seda lançou uma linha para tratamento de cabelos cacheados (chamados étnicos) e a Vasenol um hidratante que afirma trazer benefícios específicos para a pele negra.

Em 1996 foi lançada a revista *Raça Brasil* que tinha como proposta a denúncia dos preconceitos existentes, divulgar modelos de beleza e pessoas que fazem parte da classe média negra. Nesse período, os índices saltaram de 0,0075% na *Nova* para 2% e na *Cláudia* de 0,009% para 2,5%.

Após termos estudado a história do negro no Brasil e ter visto como se deu a criação da revista ilustrada, como a fotografia teve participação nesse processo pudemos refletir sobre o desenvolvimento da discriminação racial nas revistas. A maioria dos anúncios presentes nas revistas acabava se transformando “outdoors” que divulgam essa imagem para toda sociedade. Assim os papéis sociais atribuídos aos indivíduos são divulgados à todos não ficando restrita à classe média.

As revistas femininas sempre tiveram por objetivo criar, divulgar e instituir modelos de comportamentos aceitáveis na sociedade. Essa divulgação e mesmo o lançamento de produtos através da propaganda são feitos de acordo com a realidade e a moral existente. Nesse sentido o comentário de um executivo de propaganda sobre as modelos negras feito em 1986 merece reflexão: “Para entender a questão é preciso saber o que significa a expressão ‘modelo’. Literalmente, modelo significa aquilo que se quer imitar, ou que serve como exemplo. Ora, quem quer imitar o negro no Brasil? Uma pessoa branca, classe média vai querer ter como exemplo uma pessoa negra? (...) Ora se os negros são a parte mais atrasada e pobre da população, e é por isso que a nossa sociedade branca só aceita negros em papéis definidos. Então a propaganda discrimina mesmo, porque a propaganda tem que refletir a sociedade inclusive em seus preconceitos”⁹.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, George R. *Negros e brancos em São Paulo(1888-1988)*. Bauru: Edusc,1951.
- CAMARGO, Isaac A. *Reflexões sobre o pensamento fotográfico: pequena introdução às imagens e à fotografia*. Londrina: Ed. UEL, 1997. (Coleção Cadernos Didáticos).
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus 1965.
- GIACOMINI S, Maria. *Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Local: Vozes, 1988.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.

⁹ Comentário citado por George Reid Andrews em seu livro.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo. Brasil: Brasiliense, 1982. 267 p.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

SCHWARCZ L.M.; QUEIROZ, R. S. (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, São Paulo.

REVISTAS:

"Cláudia": anos de 1980 a 2001

"Nova": anos de 1980 a 2001

ARTIGO RECEBIDO EM 2003